

190

Continua tensa situação no povoado de Mirandela

Mirandela (Por Elcy Castor) — Apesar do clima tenso que ainda perdura no povoado, a noite passada foi considerada pela população e pela Polícia como tranqüila, em relação às três noites anteriores. Os agentes da Polícia Federal e policiais militares continuam guardando o patrimônio público. Para efeito de inquérito, pessoas da comunidade foram ouvidas durante todo o dia de ontem. O delegado regional da PF, Raimundo Bastos, quer concluir as investigações, a fim de que as demais autoridades, no âmbito do Ministério Público, resolvam, pelo menos paliativamente, a questão da briga entre brancos e índios.

Quanto aos índios, eles resolveram, ainda que temporariamente e sob a intensa fiscalização da Polícia, não investir em novos ataques. Contudo, a preocupação da comunidade continua sendo a saída do policiamento prevista para hoje. O município de Banzaê, onde se localiza o povoado de Mirandela, possui um total de 13 povoados, oito dos quais em terras que o governo federal demarcou e nada mais fez além disso. "É como se pegasse vários animais, colocassem em um cercado e deixassem que eles lutassem para, quem sobreviver, se apossar do local", comentou um morador que preferiu não se identificar.

A área de demarcação da reserva Kiriri mede seis quilômetros "em formato de guarda-chuva", sendo o ponto zero exatamente a igreja do povoado, que tem mais de 200 anos de existência. O prefeito de Banzaê, José Ribeiro de Moraes, deseja pôr em discussão o processo de demarcação das terras, objeto de disputas. Ele observa que o governo



Uma das casas arrasada por índios em Mirandela.

demarca as regiões, mas não proporciona nenhum tipo de estrutura que garanta a sobrevivência e liberdade, tanto de índios quanto de brancos. Para ele o conflito acirrou-se nos últimos dias com a presença de pessoas ligadas à Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI) na localidade, "particularmente, o senhor Carlinhos Brauw e a professora da Universidade Federal da Bahia de prenome Clélia". O prefeito chegou a considerar que, caso haja uma intensificação do conflito já estabelecido, irá, através dos meios legais, processar a ANAI e também a Funai por crime de responsabilidade e incitação.

José Moraes atenta para o fato de que todos conhecem a história destes conflitos, mas podem não saber que de 1982 até os dias atuais muita gente morreu (brancos e índios) por conta da incitação à desordem. "Nós não desejamos mortes. Queremos a paz e estamos trabalhando para isso, mas há pessoas fazendo exatamente o contrário", denunciou o prefeito.